

# Sumário

Prefácio.....	13
Apresentação .....	17
Introdução .....	23
Fora da sala de aula: um dia extraordinário .....	19
Voltando à escola: a construção da pesquisa e seus aspectos metodológicos .....	29
Autoridade, carisma e educação .....	38
<b>A escola e seus públicos .....</b>	<b>47</b>
O uniforme .....	52
Uma conjuntura de crise: mudanças e permanências .....	54
A organização dos alunos .....	58
<i>Habemus papam</i> : a escola sob nova direção .....	64
As turmas e os alunos .....	70
Um bando de grupos: a turma 3B .....	72
A turma 3A: unidade na diversidade .....	81
<b>Entre o giz, o cuspe e o caderno: ritos e classificações escolares .....</b>	<b>89</b>
A temporalidade escolar .....	91
O começo do ano letivo .....	93
O espaço da aula .....	96
As “tribos” na sala de aula .....	97
A sequência ritual: etapas de uma aula .....	100
As alternativas à aula .....	107
As avaliações escolares e a “cola” .....	110

Livro x caderno .....	113
O giz e o cuspe: os símbolos do rito .....	116
Oralidade e escrita na escola .....	118
A diferenciação dos alunos .....	121
Despertando o interesse .....	126
Ritos de julgamento escolar: os conselhos de classe .....	128
O trabalho e o estudo .....	134
<b>O poder mágico da explicação: carisma professoral e sua performance ritual na construção da autoridade .....</b>	<b>139</b>
Performance ritual e carisma professoral .....	142
Sobre truques, dicas e macetes .....	145
Gêneros de carisma .....	148
Invocando heróis e mitos .....	153
O carisma do vestir .....	155
O amor: proximidade, intimidade e qualidade .....	157
A missão da escola .....	164
<b>Mantendo a ordem, perdendo o controle: os usos da autoridade professoral em sala de aula .....</b>	<b>173</b>
Desafios ao carisma: testes e provas da autoridade professoral .....	174
Mantendo a ordem: exercendo a autoridade .....	177
Perdendo o controle: a autoridade contestada .....	186
Alternativas ao carisma: a autoridade negociada .....	189
O valor do controle .....	192
<b>Considerações finais: vida de escola .....</b>	<b>205</b>
<b>Referências .....</b>	<b>211</b>

## Prefácio

Ler este trabalho me deu enorme prazer e, ainda, esperança, pois se enquadra no que chamo de uma etnografia clássica. Uma joia.

Tenho orientado pesquisas sobre o tema e confesso que me sinto numa enorme solidão. Bóris Maia me deu a feliz sensação de não estar sozinha.

A literatura sociológica invadiu os estudos sobre educação e nos obrigou, para o bem e para o mal, a olhar a produção ampla sobre o tema. São trabalhos importantíssimos baseados em metodologias quantitativas ou em entrevistas em profundidade e grupos focais. São excelentes pesquisas e descrevem muito bem o esqueleto e a estrutura das escolas e do sistema educacional no Brasil, mas não nos dizem tudo e, sobretudo, não falam do espírito e da carne, no dizer de Bronislaw Malinowski, fundador da antropologia.

O campo antropológico, por seu turno, está imerso em uma nova crise de identidade. Alguns autores dizem que nem há sociedade. As etnografias e monografias clássicas são bombardeadas por uma crítica que faz dessa velha e boa antropologia um trapinho.

A coisa é séria. Quando iniciei a pesquisa em escolas, há quase 15 anos, fiquei perdida em meio ao caminho a seguir. Decidi então orientar meus alunos e os pesquisadores a fazer como fui ensinada pelos meus mestres antropólogos – acreditar nas pessoas observadas, nos seus sentimentos e representações e descrevê-los. A equipe foi, assim, treinada a escrever pequenas, mas boas etnografias baseadas em observação participante em uma escola.

Fizeram observações extraordinárias e interessantes, e com alguma novidade, porque descreveram as escolas em seus próprios termos, observando o cotidiano, as aulas, os professores, os estudantes e suas maneiras de agir, sentir e pensar. Se a antropologia havia abandonado este tema de pesquisa – a educação e a socialização formal de crianças e jovens –, e se os antropólogos não queriam mais se meter a fazer monografias e etnografias em estudos de caso intensivos, eu iria trilhar sozinha o caminho.

Quando comecei a ler o livro de Bóris Maia não consegui parar. O trabalho é uma etnografia e um estudo de caso intensivo que nos informa sobre a vida de escola – um título maravilhoso – sem ficar um só minuto inseguro diante da realidade observada.

Para mim, o mais difícil na observação participante e na descrição etnográfica em escola é simplesmente perder o olhar etnocêntrico. Tenho me debatido com essa questão. Venho lutando com a minha equipe porque, é claro, quando olhamos esta realidade, tendemos a criticar, dar palpite, propor soluções. Bóris não caiu nessa cilada. Foi direto ao assunto e conseguiu descrever a escola e a sala de aula do ponto de vista dos alunos e de como eles veem a relação entre eles e os professores.

As perguntas do autor deste belo livro são as mesmas que se impõem a mim. O que é uma boa escola? O que é um bom professor? O que é uma boa aula? Desde o início da minha pesquisa usei todos os métodos possíveis, cheguei a fazer até “grupos focais”, mas só vinham à minha cabeça os ensinamentos clássicos da antropologia: o que eles estão pensando e fazendo nas escolas?

Li o livro como quem vê um filme e acho que esse é o maior elogio que posso fazer. O argumento está traçado e claro, e vai de fio a pavio.

Tudo o que se diz sobre escola, depois de dito, parece óbvio. Não era quando não estava escrito. Assim, o ovo de Colombo do autor desta obra foi analisar a sala de aula, seus vários arranjos e a triste sina dos professores e alunos que convivem no ambiente, digamos tradicional, de uma escola pública.

A descrição das aulas é brilhante. De todo o jeito, sendo bom ou mau professor, ela é sempre uma “aula de transcrição”, como foi definida por uma de nossas pesquisadoras. Só que Bóris descobriu o ovo de Colombo. O importante para os alunos é a “explicação”, e aí está o cerne da nossa cultura. Os alunos recebem do professor a explicação correta, o jeito certo de interpretar o que leem. Não há como fugir da maneira autoritária e tradicional que foi definida pelo autor como um tipo de carisma.

Bom, a literatura sociológica, em geral, chamou essa relação de “complexo de pigmaleão”. *Pigmaleão*, a famosa peça de Bernard Shaw, inspirada na mitologia grega, e que foi popularizada no belíssimo filme *My Fair Lady*, estrelado por Audrey Hepburn e Rex Harrison.

Nessa peça, que virou um conceito, a relação entre professor e aluna é descrita a partir da ideia de que o professor e a aluna têm de ter mais do que uma relação de “ensino/aprendizado”. Há amor nesse vínculo, e há o objetivo de transformar, mudar, reformar aquele que aprende. O linguista da peça de Bernard Shaw faz uma aposta com seu amigo e, afinal, consegue transformar Elizabeth Doolittle, uma moça pobre e falando o inglês da classe trabalhadora, em uma dama de sociedade, da aristocracia inglesa. A ideia que está na base desta história, independentemente de seu viés ideológico, é a de que é possível o ofício árduo de ensinar, de transformar o aprendiz.

No caso dos nossos professores, talvez o objetivo de transformar o aluno não esteja em primeiro plano. O objetivo é convertê-los em “cidadãos”, como dizem *ad nauseam*. O professor mais admirado, na visão do aluno nesta escola, é aquele que explica bem, mas é também o que é mais rígido, mais autoritário. Fiquei fascinada com a ideia de uma autoridade carismática, estilo sacerdote, de Bóris. A leitura de Max Weber permite esse belo *insight* que muito ajudou na descrição e na análise da questão.

Mas o que mais apreciei no livro foi o fato de nos levar a encontrar uma estrutura no caos que é a escola. Há uma estrutura, e esta estrutura está na sala de aula, na relação entre alunos e professores.

Finalmente, quero dizer que, se todos estão afirmando que a “gestão” é um traço fundamental, e eu mesma tenho dito isso, o livro *Vida de escola* nos induz a pensar que os professores mais admirados e que mais “ensinam” são os que desafiam, com sua autoridade carismática, os seus superiores. Fiquei pensando então que a concepção dos professores sobre a autonomia de cátedra ou liberdade de cátedra, como se dizia outrora, é um elemento fundamental para ser um bom professor. Nisso está o enredo do problema. O cidadão que é formado na escola, o bom cidadão é aquele que desafia os superiores tendo liberdade para “manter a ordem” como é dito na análise feita pelo autor. Uma contradição em termos que produz um embaraço difícil de resolver. Como ser crítico e, ao mesmo tempo, obediente a uma norma. E pobres daqueles que não conseguem manter a ordem na sala de aula!

Todo o caos da escola, que não é adjetivado pelo autor, vem desse princípio estruturante. As faltas dos professores, a ausência dos diretores, tudo isso está relacionado com um princípio que se faz presente nas relações entre alunos e professores na sala de aula.

Fiquei, como sempre, abismada. A descrição nos leva a ver que a escola e sua missão, do jeito que é compreendida no Rio de Janeiro, ou na escola estudada, não é propriamente ensinar porque ensinar para alunos e professores é passar uma “matéria” e tudo o que não é “matéria” não é ensino e não é aprender. É o quê?

É gratificante ver o livro de Bóris publicado por uma editora universitária que tem feito excelente trabalho na divulgação das pesquisas sobre educação.

*Yvonne Maggie*

Professora Emérita da UFRJ

## Apresentação

Como se constrói a autoridade professoral é a questão que orientou a dissertação de mestrado em Antropologia (PP-GA-UFF), de Bóris Maia, defendida em 2014, que agora se transforma no livro *Vida de escola: uma etnografia sobre autoridade e carisma na educação*. O trabalho surgiu como um desdobramento de sua monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais, na mesma universidade, intitulada *Matéria de caderno: uma etnografia das aulas de ensino religioso*, defendida em 2011. Tive a satisfação de orientar os dois trabalhos, que se basearam na realização de uma etnografia dos processos cotidianos da escola, com destaque às concepções dos alunos sobre seus professores, a escola e as relações com os colegas.

A realização de uma pesquisa de campo no mesmo ambiente escolar, durante três anos, possibilitou uma convivência com os estudantes que, num primeiro momento, intrigavam-se com o fato de alguém que já saíra da escola tivesse paciência para voltar a assistir aulas. Desse estranhamento surgiu uma interação ímpar, que resultou na construção de uma etnografia que revela o cotidiano das aulas e demais atividades na escola, os conflitos entre colegas, os problemas da gestão escolar, mas, principalmente, se debruça sobre uma questão fundamental para a compreensão da construção da autoridade do professor – o seu carisma. Tal perspectiva já havia sido explorada analiticamente em outros contextos pedagógicos (Pinto, 1999; Maggie; Prado, 2014), mas Bóris Maia se dedica a compreender como o carisma do professor se constrói, a partir de práticas institucionais, com destaque para a sala de aula e as reuniões de conselho

de classe. O carisma é analisado, portanto, a começar de sua construção, deixando de lado a ideia de que seria algo inato aos sujeitos. Consequentemente, a autoridade professoral não se expressa apenas pelas características individuais do professor, mas, sim, pelo seu exercício performativo na coletividade por meio das roupas, das concepções de gênero que são manifestas, das estratégias pedagógicas adotadas. No caso, é o momento da “explicação” durante a aula que essa performance se explicita, e é a partir de seu desempenho que os estudantes definem quem é, ou não, um “bom professor”.

A opção metodológica de realizar a observação da sala de aula revelou como a relação de ensino-aprendizagem está absolutamente associada aos modos pelos quais os professores se relacionam com os estudantes. As estratégias adotadas pelo autor, somadas à sua juventude, favoreceram que sua interação com os alunos se construísse mediante uma imersão nas rotinas pedagógicas. A utilização de desenhos do arranjo das carteiras em cada turma durante as aulas foi uma estratégia descritiva para desnaturalizar os processos de regência de turma. O contraste entre os arranjos e a atuação dos professores evidencia como os estudantes se relacionam e interagem com o docente. Na dissertação, a associação entre a organização “tradicional” das cadeiras – enfileiradas e voltadas para a frente – reforçam a ideia de que o professor é o detentor do conhecimento, destacando novamente a importância de sua performance em sala de aula. Assim, essa forma de distribuição do espaço escolar privilegia a relação ordem-controle-eficácia. A apresentação de situações nas quais os docentes não tiveram sucesso em manter a atenção da turma corroboram a definição do professor como o protagonista do ensino.

Tal como na obra *A aurora da minha vida*, de Naum Alves de Souza (1982), o livro de Bóris Maia nos leva de volta à vida escolar, na qual se vivem experiências positivas que ficam na memória dos alunos, mas onde também estão presentes as angústias e dificuldades de lidar com as diferenças, com a desigualdade de tratamento, com a disciplina.



A escolha da epígrafe da obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia (1993 [1888]), aponta outro aspecto importante do trabalho de Bóris Maia, que é a problematização da escola como um espaço de socialização política. Entender a instituição escolar como um espaço público (Resende, 2009) permite compreender os valores e moralidades que orientam professores e estudantes no que diz respeito à política. A análise realizada por Bóris Maia rompe com uma crença de que a escola seja a instituição central no desenvolvimento de uma sociedade moderna e democrática. As estratégias de mobilização dos alunos para denunciar e cobrar melhores condições de ensino revelam como eles se organizam para garantir o reconhecimento daquilo que julgam ser seus direitos. Os desdobramentos desses “protestos” apontam para um cenário menos otimista da capacidade transformadora da escola. O que se vê é uma indiferença política por parte dos docentes na discussão pública dos problemas enunciados, bem como um silenciamento sobre conflitos vividos no ambiente escolar.

A descrença na capacidade de que a escola pública desempenhe sua “missão” não representa um abandono em massa dos estudantes, afinal, a adesão obrigatória ao ensino segue sendo necessária por causa da certificação de conclusão do ensino médio, que é exigida para se buscar distintas oportunidades de emprego, fazendo com que muitos não abandonem a instituição.

A associação entre o estudo da autoridade professoral com o papel de socialização política dos alunos, que é realizada pela escola, aponta que a formação dos futuros “cidadãos” não se dá apenas pelo acesso, ou restrição, de certos direitos disponíveis, mas também pela dimensão relacional da cidadania à brasileira (DaMatta, 1997; Carvalho, 2009; Kant de Lima, 2010). O relato etnográfico apresentado por Bóris Maia demonstra como a vida de escola, no caso brasileiro, ao universalizar a educação pública, não resultou em processos de inclusão ou democratização progressiva, ao contrário, segue sendo o espaço no qual “os alunos são socializados em categorias que expressam que o saber é para poucos, aprendem que só alguns têm capacidade e que estes merecem tratamento diferenciado” (Maia, 2018, p. xx). Assim, segue sendo atual a frase

de abertura do romance de Raul Pompéia: “*Vais encontrar o mundo – disse meu pai à porta do Ateneu. – Coragem para a luta*”.

A escola do Império e a escola da República parecem imutáveis porque os mecanismos disciplinares e as “regras que impõem possibilidades e impossibilidades de ações” (Santos; Marchi, 2013, p. 349) seguem orientando-se por marcadores de diferenças heteronormativos, cristãos, classistas e racistas. Os interesses em disputa no espaço escolar em tempos de “ideologia de gênero” e “escola sem partido” nos lembram que o poder simbólico (Bourdieu, 2005), que se constitui na escola, pressupõe a adesão daqueles que a ele estão sujeitos, seja por meio da reprodução, seja pela transformação de crenças e valores socialmente aceitos.

*Ana Paula Mendes de Miranda*

Professora do Departamento de Antropologia da UFF

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CARVALHO, José Murilo. *A cidadania no Brasil: um longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- KANT DE LIMA, Roberto. Sensibilidades jurídicas, saber e poder: bases culturais de alguns aspectos do direito brasileiro em uma perspectiva comparada. In: *Anuário Antropológico*, v. 2009-2, p. 25-51, 2010.
- MAGGIE, Yvonne; PRADO, Ana Pires do. O que muda e o que permanece o mesmo nas escolas cariocas: culturas de gestão e as representações dos estudantes. In: GUEDES, S. L.; CIPINIUK, T. A. (Org.). *Abordagens etnográficas sobre educação*. Adentrando os muros das escolas. Niterói: Alternativa, 2014.
- PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Práticas acadêmicas e o ensino universitário: uma etnografia das formas de consagração e transmissão do saber na universidade*. Niterói: Eduff, 1999.
- POMPÉIA, Raul. (1888) *O Ateneu*. 9. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- RESENDE, José M. *A sociedade contra a escola? A socialização política num contexto escolar de incerteza*. Lisboa: Edições Piaget, 2009.
- SANTOS, Tiago Ribeiro; MARCHI, Rita de Cássia. *O Ateneu: uma análise de mecanismos disciplinares no romance de Raul Pompeia*. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 339-360, jan./mar. 2013.
- SOUZA, Naum Alves de. *A aurora da minha vida*. 2. ed. Juiz de Fora: Ed. MG, 1982.